

# **EM MIM, A CLAUSURA E O MOTIM**



**ADRIANO B. ESPÍNDOLA SANTOS**

**PENALUX, 2021**

## NASCEDOURO

Agora, tento compreender, costurando os bocados de tudo que passei. Deixar alguma coisa registrada para a posteridade, com as minhas palavras, é a obsessão presente. Não posso ser confundido, caçoado, pela memória dos outros.

Que jeito? Vou me aventurar a recontar o fado de um lutador:

Não tinha a mínima noção que a ânsia por liberdade poderia me emaranhar em suas labirínticas teias. Não tinha, não, caríssima leitora.

(Des)encontrei-me só. Agitei-me em paredes mentais de banheiro gris; cerâmicas suadas, sem uma réstia de ar para me socorrer. De novo, desprotegido.

Arrastaram-me, como à própria cruz.

Por que, Senhor, me metestes nisso? Supliquei aos céus, mãos erguidas, lânguidas carnes, sem resposta.

Resignar? Não. Aceitar passivo as vicissitudes da vida? Não. Nunca fui homem para tal desonra.

E essa voz soturna que atravancava meu coração?  
Resignar. Resignar...

Ouvi, como uma espécie de consolação, vó dizer: “Meu filho, esse é o seu destino. Não lhe conheci de outra forma. Tem de se aguentar nas vontades de Deus!”.

# DESPERTAR

Fazia um tanto que estava no meu quarto, pelejando para me afastar do tumulto que se avizinhava.

Ouvia vozes, corpos se batendo; tilintar de ossos de gente miúda. Olhei para o teto e, também, um amontoado de telhas; umas quebradas, outras menos, na medida de passar um mísero feixe de luz. E eu na expectativa de alguma salvação; de um anjo Gabriel que perpassasse incólume pelas fibras da agitação.



Remendos. A casa é assim. O grosso da existência é assim.

Quando meio mundo se foi; quando ficamos só eu e vó Sebastiana, não nos sobrou tempo para pensar numa fuga, num arranjo de vida. Pulamos de cabeça, sem medir a profundidade. Contam, a necessidade obriga. Sobrava-nos subsistir.

Com o traquejo percebi que estirar os pés na terra, a dita caminhada, não dá recurso de opção. Constatei, ainda, ali pelo desenrolar dos meus sete anos. “É isso, e pronto!”, como ouvi da boca do Neco, o vizinho beberrão; o ébrio mais gente boa que conheci. Muito certo, um ser amargurado por não ter superado a morte da família pretérita; desgraçada a sua herança pela grande seca de 15.

Na sapiência de vó, o sujeito de juízo devia ter consciência de superação; de que o mal não duraria para sempre; de que é possível, sim, mesmo com todas as dificuldades, ser feliz e virar o tabuleiro da sorte, com a fé.

Naquela época, sem a ciência exata, ela confiava na viragem de uma crença restritiva. Falava, com convicção: “Ninguém nasceu para ser desgraçado o tempo todo!”.

Quando, pela fama que corria, fui chamado a cuidar de sinhá Jovina, dona de quase tudo de terra de Quixadá, e o prodígio se fez, pronto, acabou-se a paz. Foi assim que tudo começou.

Sentia que minha vida não era mais minha.

Sinhá Jovina sofria de espinhela caída, segundo o crédito popular; ou seja, de fato, uns agravamentos na coluna. E, por isso, não conseguia se levantar da cama. Passava de duas a três semanas deitada, com dores terríveis, despachando de seu aposento sombrio. Dali, o que dissesse era lei.

Nem queria sair da minha casinha. Montava, muito animado, nas minhas brincadeiras solitárias, lindas fazendas, com exageros de bois, com os restos de ossos que largavam para os porcos. Mas a situação tomou proporção tal que fui praticamente subtraído para lá.

Operado o fenômeno, e estando, inclusive, sinhá Jovina perambulando de cá para lá a cavalo, restou-me, pois – e capture, leitora, o peso da palavra –, resignar na vontade de Deus. Pomposa a palavra, alimentada pelo linguajar oficial do padre da igreja; repetida, incessantes vezes, para fixar a parte que nos cabia: resignar.

Mulher poderosa, sinhá Jovina se atracou a mim, como seu amuleto. Não tive jeito de me desvencilhar. Que eu era o messias que esperava. Que, no seu enalço, não passaria fome ou sede. Que eu me achegasse e me aconchegasse em seu lar. Que ela me queria bem como a um filho.

Pedi-me, obstinadamente, à vó Sebastiana – claro que não pedi à toa, partiu com a promessa de um pedaço de terra e “uma casa de vergonha, perto do neto amado”.

Com toda dor de uma pobre mulher, enfeitada desde seus primitivos dias, sem eira nem beira, ainda assim fincou o pé: “Não, sinhá Jovina, esse menino é meu tesouro! Se agonie não, que ele vai passar umas temporadas boas por aqui”. Desconversou, a sábia senhora.

E a notícia se espalhou mais. Sinhá Jovina era afeita às palavras; muitas palavras, fossem elas boas ou más – ou desajustadas. Logo me recomendou ao padre Juarez, o pároco da igreja da Maravilha. De início, ele não deu muita importância, até que eu ganhasse as graças da população. Depois, a contragosto, o clérigo se rendeu. Não havia saída. A suposta maior autoridade local percebeu que, ao meu lado, teria como seguir na empreitada de domador, ou encantador de fiéis. Também, não queria admitir o confronto com uma criança. Era, de seu modo, inteligente.

Passei, por vontade própria, a celebrar missas fictícias. Por sinal, em algumas arrebanhava mais ovelhas do que o padre conseguia no dia do padroeiro, Santo Antônio. Hoje, resta claro um certo ressentimento, por anos velado. A raiva era de ter de se juntar a mim; dividir o poder e a atenção. E eu nem sabia o que era poder...

Nos quatro primeiros meses, depois do bendito milagre, as missas seguiram, manhã e tarde, alternadas, de segunda a quinta, para não chocar com as do padre, na igreja – desse modo, os fiéis não haviam de perder nenhum dos eventos.

Existia, portanto, uma certa condescendência tácita de nossa parte. Quando, a bem da verdade, não me interessava pelo que ocorria lá; e, sim, por integrar a população num propósito maior, de fé e de compaixão, como Nosso Senhor nos ensinou.

Padre Juarez, com seu palavrear afetado, talvez para manter ares de superioridade, veio me chamar ao pé da janela, após dispensar determinados fiéis que permaneciam por ali: “Vê bem, menino, andam a chamar-te de charlatão. Não aceito esta alcunha. Não a mereces. Defendo-te de tamanha degradação moral. Mas tens de estar atento às tentações. Não vás te deixar levar pelas pompas, pela fama. Isto são circunstâncias; são coisas vãs, que não competem a um menino sensato. E digo mais: não te permitas acolher um codinome de ‘Menino santo ou milagreiro’” – fazendo as aspas com os dedos, para frisar mais. E prosseguiu: “Isso é feio, diante de Deus. Não se pode aceitar tal blasfêmia. Peço-te, também, que tenhas parcimônia nas tuas oratórias, que não posso chamar de homílias ou de orações. És um menino esperto, dócil, e vais entender a influência nefasta

que isto pode causar. Um alvoroço nestas cabecinhas ocas levaria à completa descrença; à desgraça e à eliminação de fiéis da igreja. Portanto, tenhas respeito e atenção, sobretudo às demandas da nossa mãe igreja, que são maiores que nós. Estamos conversados?”.

Estirei minha cabeça, agora eu incrédulo, sem entender o que havia sucedido: o senhor padre, a quem tinha respeito, julgando ter um concorrente.

Eu era um menino, mas entendi perfeitamente a malícia na forma de falar; na maneira fingida e desdenhosa do padre articular essas palavras direcionadas a mim, como se fosse a última e fatal reprimenda.

Beata Sebastiana, bem conhecida nas redondezas e nos confins daqueles sertões, acatou as determinações do padre. Pensava, e achava certo, o respeito à mãe igreja. Saiu do quarto acrescentando: “Meu filho, não vá de encontro à igreja, nossa mãe! O padre Juarez tem toda a razão. Acalme seu coraçãozinho. Antes de dizer qualquer coisa, pense e repense, para não desagradar a Deus e a Nossa Senhora. Essas demonstrações que faz não são missas. Diga isso ao povo. É só uma forma de se juntar ao Senhor”.



**INSTAGRAM**

@adrianobespindolasantos

**FACEBOOK**

@adrianobespindolasantos

**E-MAIL**

adrianobespindolasantos@gmail.com



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Dapifer  
para a Editora Penalux, e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em agosto de 2021.